

cional, e consequentemente no sistema global de posições sociais, foram relativamente pequenas até há mais ou menos vinte anos, os padrões de contacto inter-racial elaborados no passado puderam preservar-se. Isso equivale a dizer que mesmo com a emergência do sistema de classes sociais em Florianópolis, fatores irracionais ligados a *diferenças raciais* continuaram a operar no processo de classificação social vigente na comunidade, e por esse meio, manteve-se a exploração social, sob fundamento supra-econômico, de um "grupo racial" sôbre outro: dos brancos sôbre os negros.

~~~~~

## SEGUNDA PARTE

por

OCTÁVIO IANNI

~~~~~

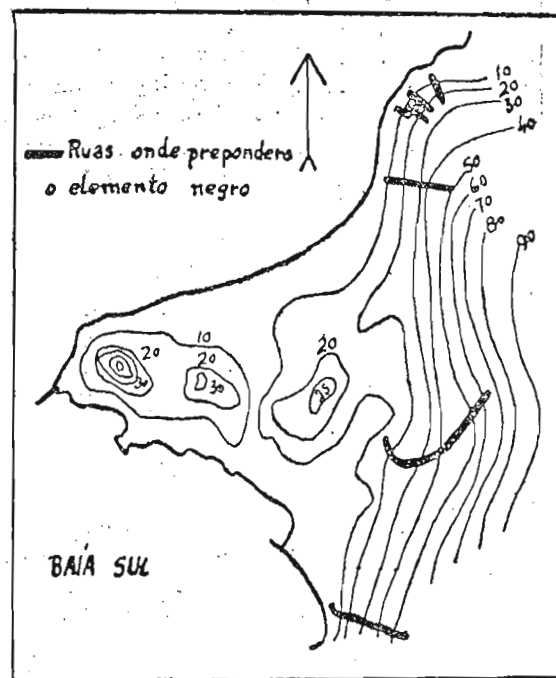
CAPÍTULO III

Raça e Mobilidade Social

A distribuição ecológica das populações negras de Florianópolis não deve ser encarada como tendo sido produzida pela situação de contacto racial da comunidade. É verdade que há fatores que levam a uma interpretação oposta, isto é, que permitem considerar a presente dispersão dos grupos raciais pelo espaço urbano como ligada ao preconceito de cor. Mas esses fatores não são suficientemente consistentes para explicar sozinhos a situação atual das relações raciais. Na verdade, essa distribuição dos negros e brancos sofreu e sofre a → influência direta das condições econômicas de cada camada social. Entretanto, não podemos perder de vista um aspecto importante da presente distribuição ecológica dos grupos. Ela atua como um fator ativo em alguns estágios do desenvolvimento do processo que estamos analisando. O que é, até certo momento, produto do processo de urbanização, passa a ser condição de um outro processo social. Neste caso, o preconceito de cor. Por isso, alguns aspectos do preconceito serão melhor apreendidos quando estudarmos a inserção dos → grupos raciais no espaço geográfico.

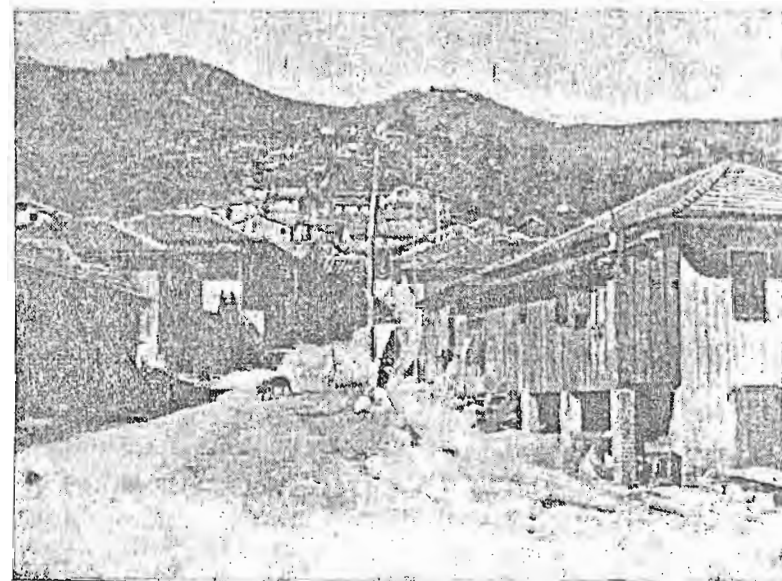
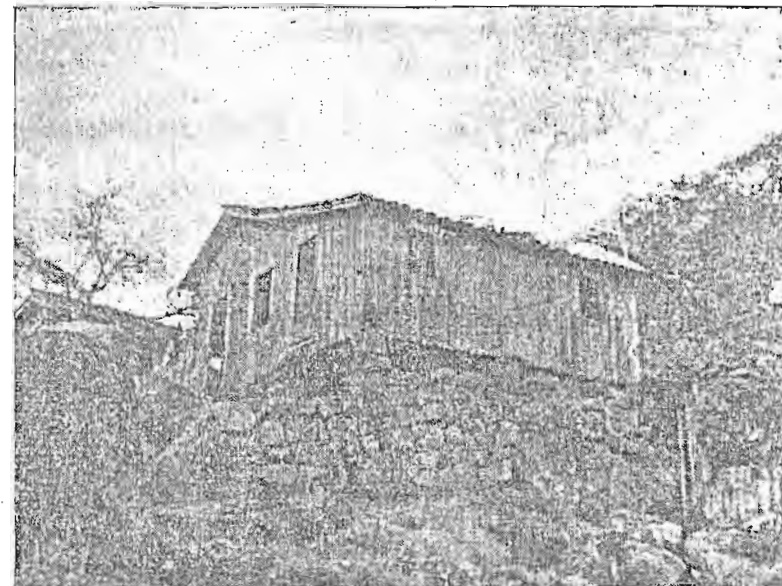
Como ocorre geralmente nas comunidades brasileiras em fase de urbanização, em Florianópolis também se encontram grupos residenciais das camadas mais pobres localizados na periferia do núcleo urbano. É nessa periferia que se encontram as áreas de menor valor econômico. No caso de Florianópolis, a maioria dos

bairros pobres encontram-se nas encostas das elevações, que são, por enquanto, os limites naturais do aglomerado urbano. É nesses bairros ou "morros" (1), localizados nas encostas das montanhas, que se encontra a grande maioria da população negra e mulata de Florianópolis. No Estreito (2), aglomerado que se localiza em uma área geograficamente menos acidentada, êsses indivíduos se encontram do mesmo modo nas áreas de menor valor econômico, e mais afastadas do núcleo (Mapa 2, pág. 143).



MAPA 3

FONTE: "Florianópolis, ensaio de geografia urbana", por WILMAR DIAS, in *Boletim Geográfico*, edição do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia, n.º 2, ano I, Florianópolis, julho de 1947, págs. 36-37.



ESTAMPAS 1 e 2 — Aspectos das residências dos morros.

(Fotografias de OCTAVIO IANNI)



ESTAMPAS 3 e 4 — Membros da população infantil dos morros.

(Fotografias de OCTAVIO IANNI)

Vejamos, contudo, o que nos diz Wilmar Dias, num trabalho pioneiro sobre a geografia humana da cidade. “Os desmates progressivamente operados nos morros para fins de saneamento deixaram livre à ocupação pelas classes pobres, considerável quantidade de terra e determinaram o nascimento, morro acima, de novos bairros residenciais” (3). “Construindo a bel prazer, na terra gratuita do Governo, ou na terra baratíssima dos particulares, as classes desafortunadas foram se aglomerando ao longo dos caminhos coleantes, sem obediência a norma alguma, transformando, em pouco tempo, as encostas mais suaves dos morros em uma série de favelas” (4). “São essas favelas, na sua maior parte, ocupadas pelo elemento negro” (5) que, dadas as condições de extremo pauperismo em que vive, não mais pode manter-se na área peninsular super-valorizada da cidade. E’ esse mesmo elemento (o negro) que assinala, pelas suas concentrações, o limite máximo da expansão da cidade (6). As mais recentes concentrações, os Morros de Nova Descoberta, Abissínia, Baco-Baco e Inferninho, localizam-se já em áreas muito afastadas do centro e tôdas além dos limites urbanos fixados em 1943. E, dentro do perímetro actual, os Morrões de Xapécó, Caixa d’Água, Nova Trento, Elias Paulo e Mocotó, onde a população negra predomina, localizam-se exatamente na área periférica, espraiando-se mesmo para além dela” (7).

Fica, assim, bem clara uma das conseqüências do desenvolvimento de Florianópolis: à medida que se desenvolve o núcleo urbano, à medida que se valorizam áreas comerciais ou residenciais, mais são afastadas do centro as populações negras, juntamente com o restante das camadas pobres.

Do que ficou exposto podemos concluir que não são todos os brancos que se encontram na mesma proximidade física dos negros e mulatos. O contacto que tivemos com a comunidade nos permite assegurar que o

grau de contiguidade entre os grupos raciais diminui à medida que caminhamos dos morros para o núcleo urbano, o que equivale dizer: à medida que subimos na escala social. É o que nos revelam, ainda que parcialmente, também os dados referentes à frequência de negros e mulatos na vizinhança dos colegiais que responderam ao nosso questionário. Tomando-se as respostas deles segundo as classes sociais a que pertencem os pais ⁽⁸⁾, obtivemos as respostas ⁽⁹⁾ abaixo. À pergunta: "onde encontra preto ou mulato?" responderam que encontram na vizinhança os seguintes:

N E G R O			M U L A T O		
Baixa	Média	Alta	Baixa	Média	Alta
67	53	53	65	56	57

Mas, qual seria o padrão de contacto racial no plano vicinal? As observações realizadas por nós *in loco* e os outros dados colhidos permitem-nos assegurar que as relações entre negros, mulatos e brancos, enquanto vizinhos, não são indiferenciadas no que diz respeito à *côr*. De um modo geral, os brancos distinguem — social e culturalmente — os vizinhos negros e mulatos dos próprios brancos. Inversamente, os negros e mulatos diferenciam-se dos brancos nos mesmos planos. É clara a dicotomia existente. Ela somente não se manifesta em certas camadas sociais porque estas não convivem no mesmo espaço geográfico. Conforme dissemos, à medida que subimos na escala social, reduz-se rapidamente o coeficiente de indivíduos "de *côr*". É esta circunstância que explica o fato de certos indivíduos não manifestarem discriminação diante de vizinhos. Contudo, a despeito disso, os que moram em áreas onde

não se encontram negros e mulatos residindo apresentam atitudes que revelam maior intensidade de rejeição dos negros e mulatos enquanto vizinhos. Vejamos as respostas de dois grupos brancos distintos: um deles, composto de indivíduos residentes no melhor bairro residencial e, outro, dos residentes nos morros. Perguntamos se gostariam de ter negros ou mulatos como vizinhos. Responderam "não" os seguintes:

	NEGRO	MULATO
1) Residentes em Praia de Fora	33	31
2) Residentes nos Morros	23	18
3) Total dos estudantes brancos	34	26

Como se vê, contrariamente ao que pudéssemos supor, os indivíduos que menos convivem com os negros e mulatos, no que diz respeito à vizinhança, são justamente os que mais os rejeitam para vizinhos. Por outro lado, justamente os brancos que os têm mais próximos de si são os que apresentam menor coeficiente de rejeição. Note-se, contudo, que os brancos que não são vizinhos de negros ou mulatos (grupo 1) estão mais próximos da média geral da comunidade (grupo 3), que aqueles residentes nos morros (grupo 2), onde reside a maioria dos negros e mulatos da comunidade.

Êsses dados, entretanto, levam-nos a outro aspecto do problema. Pode-se lembrar que eles permitem levantar a hipótese de que o fenômeno, que está sendo apresentado como preconceito de *côr*, poderia ser considerado também em termos de preconceito de classe. Conforme vimos, os brancos que têm vizinhos negros e mulatos pertencentes à mesma camada social que eles

próprios, apresentam menor resistência à sua vizinhança que aqueles de outras camadas, particularmente as mais elevadas. Talvez estes brancos de camadas elevadas reagissem do mesmo modo também em face dos brancos pobres. Não o negamos. Há evidências nesse sentido. Contudo, existe certo grau de rejeição também no interior de grupos residentes na mesma área residencial, o que é, de per si, significativo. Deixaremos, todavia, este problema para ser melhor examinado à medida que progredirmos em nossa discussão.

A situação de contacto racial, considerada do ponto de vista da distribuição das populações negras e brancas pelos bairros de Florianópolis, leva-nos ainda a algumas observações a respeito das atitudes recíprocas dos membros da comunidade.

Vejam, em primeiro lugar, como se manifestam os brancos. Dêstes podemos destacar três grupos. Um deles afirma que há brancos e negros no bairro e que as relações entre eles são harmoniosas. Fazem, inclusive, considerações sobre o inter-casamento, considerando-o fato normal e habitual. Outro grupo de brancos nega a existência de negros e mulatos no local, alegando que esses elementos se encontram em outras áreas, geralmente distantes, às vezes no extremo oposto do bairro onde reside o informante. As áreas mencionadas são consideradas pelo grupo como de menor valor econômico que aquela onde vive. Finalmente, um terceiro grupo assegura que o lugar está "cheio de negros e mulatos". Lamenta-se, afirmando que eles são vizinhos desagradáveis, habitualmente "amigados". Procuram evitar intimidade com vizinhos negros ou mulatos, não trocando visitas com eles.

Os dois últimos grupos são nitidamente preconceituosos, ainda que reagindo diversamente, conforme a experiência social de cada um. Note-se, contudo, que os indivíduos pertencentes a cada um desses grupos

não se encontram reunidos social e ecológicamente, mas dispersos pelos diversos bairros da comunidade. Eles se caracterizam pela unidade de atitudes.

Também os negros e mulatos apresentam uma relativa uniformidade de atitudes. Dispersos pela comunidade, conforme descrevemos em parágrafos anteriores, eles reagem de dois modos em face dos seus vizinhos brancos. Em primeiro lugar, encontram-se aqueles que demonstram a existência de relações harmoniosas entre brancos e negros em geral. Trata-se de um grupo não muito extenso que afirma inclusive a existência de casais mistos, constituídos legalmente. Este grupo se compõe principalmente de mulatos. Em segundo lugar, encontram-se aqueles que revelam ressentimento diante dos brancos seus vizinhos, dada a hostilidade com que são tratados, quando entram em jogo os padrões de convivência vicinal. Estes indivíduos não são visitados pelos brancos, nem os visitam. Compõe-se este grupo principalmente de negros e menor número de mulatos.

Uma análise sociológica do preconceito racial, no entanto, não pode desprezar o fato fundamental de que uma comunidade se compõe de indivíduos de sexos diversos, o que se exprime, naturalmente, em seus padrões sócio-culturais. A distinção dos sexos, de fundamental importância para o conhecimento de determinados fenômenos sociais, é de alguma relevância para a devida compreensão do preconceito de cor em Florianópolis. Não pretendemos, com isso, afirmar que o sexo, isoladamente, considerado biologicamente, tenha valor explicativo. Ele se distingue em consequência da constelação de valores sociais e culturais que o cercam.

A primeira observação que podemos fazer em face da dicotomia dos sexos diz respeito às mulheres brancas. Elas tendem a apelar, mais a miúdo, a padrões ideais de comportamento inter-racial, particularmente àqueles

que possuem conotação ético-religiosa. Isto, contudo, não impede que revelem, através das próprias palavras, a contradição entre aqueles padrões e o seu comportamento efetivo. Vejamos o que declara uma jovem. “A questão das raças — diz ela — continua sendo um problema atual para o qual ainda não se achou solução. Minha opinião será sempre que os pretos e mulatos constituam uma sociedade separada da dos brancos, mas que haja fraternidade e amor entre eles”. É evidente, nessas declarações, a contradição apontada. Outra jovem, contudo, revela menos abertamente a incoerência quando afirma: “Perante Deus todos somos iguais e considero uma ignorância nossa termos o preto como algo diferente”. Há aquelas, ainda, que manifestam abertamente sua rejeição do negro e do mulato: “Muitas vezes existem pretos superiores aos brancos, mas são raros. Temos o nosso poeta Cruz e Sousa que é superior a muitos brancos, mas eu preferiria casar com um branco menos inteligente do que com um preto sábio”.

O fato das mulheres brancas apelarem muitas vezes a padrões ético-religiosos, para definirem verbalmente suas posições em face dos negros e mulatos, não significa que os homens brancos, por sua vez, também não o façam. Parece-nos, contudo, que o indivíduo do sexo masculino apela menos para aqueles padrões. Lança mão de outros recursos para definir suas atitudes. Veja-se, por exemplo, o que declara um comerciante: “Por uma questão de princípio, não gostaria de ter um negro ou mulata na família, mas aceitaria se assim acontecesse”. Outro branco apela para razões prosaicas, afirmando: “. . . não pude dizer tudo o que sinto dos pretos e mulatos; mas os pretos e mulatos são muito mascarados e fazem-se de muito importantes, coisa que eles não são e nunca chegarão a ser”. Encontramos, entretanto, também aqueles que, como algumas mulheres

brancas, apresentaram atitudes segregacionistas. “Minha observação principal é que os pretos deviam andar separados dos brancos e vice-versa”, diz um jovem branco. Esta mesma posição é revelada por outros, inclusive alguns que lembram o exemplo dos Estados Unidos. “Seria de acôrdo que no Brasil fosse feito como na América do Norte. Não querendo voltar à escravidão, mas sim fazer a divisão, separar. Porque uma separação daria mais oportunidade aos brancos e mais ainda aos pretos, para poderem eles mostrar suas possíveis qualidades”.

Apesar da relativa semelhança das atitudes dos indivíduos brancos de ambos os sexos, verificamos, entretanto, que elas não são idênticas. Provavelmente estamos em face de gradações, apenas, das mesmas atitudes. Vejamos, todavia, como se manifestaram os colegiais interrogados sobre a sua convivência com negros e mulatos. Perguntamos quais não gostariam de encontrar preto ou mulato nas situações sociais abaixo mencionadas. Responderam “não”:

	NEGRO		MULATO	
	Másc.	Fem.	Másc.	Fem.
1) Escola.....	19	18	15	13
2) Vizinhança.....	35	33	28	24
3) Baile.....	71	81	57	70
4) Família.....	87	91	83	90

Além da distinção que ambos os grupos fazem entre o preto e o mulato, aspecto que será analisado adiante, observa-se maior rejeição na escola e vizinhança por

parte dos indivíduos do sexo masculino. Por outro lado, no baile e na família as moças apresentam maior resistência. Note-se, ainda, que as diferenças percentuais entre os dois grupos em 1 e 2 são menores que aquelas apresentadas em 3 e 4. Outro aspecto relevante desses dados diz respeito aos tipos de relações características de cada círculo de convivência mencionado. Enquanto que na escola e entre os vizinhos é mais fácil manter relações formais com os negros e mulatos, no baile e na família predominam relações simpáticas. Evidentemente é a facilidade de criação de intimidade que leva o sexo feminino a rejeitar mais intensamente que o masculino aos negros e mulatos nesses dois círculos.

Em suma, constatamos na comunidade estudada uma atitude diferencial dos indivíduos do sexo masculino e feminino em face dos negros e mulatos. Esta situação provavelmente se deve à experiência social diferente do homem e da mulher na comunidade em foco. Apesar de que não podemos falar em heranças de uma sociedade patriarcal, conforme os modelos apresentados por Gilberto Freyre e Antônio Cândido⁽¹⁰⁾, a comunidade estudada não foge a uma divisão sexual do trabalho, que opera desde o passado e conduz a experiências sociais diversas. É isto que, a nosso ver, explica parcialmente aquelas discrepâncias de atitudes. Novos aspectos dessas diferenças serão, entretanto, discutidos adiante, quando analisarmos a situação de contacto no baile e no interior da família. Mas, antes de passarmos adiante, vejamos como se manifestam o homem e a mulher negros e mulatos.

Sabemos que as relações recíprocas dos brancos, negros e mulatos no presente se devem, além da interferência de outros fatores, aos padrões de relações raciais herdados do passado e ao grau de convivência existente na atualidade. Todavia, enquanto que entre os

brancos operam, principalmente, aqueles padrões herdados do passado, entre os negros e mulatos atua, em maior escala, o grau de convivência social. Isto não significa que não entrem em jogo muitos outros fatores. Apontamos somente os que nos parecem principais. Assim, o grau de convivência diverso do homem e da mulher "de côr" com os brancos explicaria o comportamento e atitudes diferenciais daqueles. Portanto, a premissa de nossa discussão das atitudes do homem e da mulher brancos é válida para o homem e a mulher negros e mulatos. Ainda que não se expliquem pelos mesmos fatores, a experiência social diversa dos negros e mulatos conduz a atitudes diferentes.

As considerações apresentadas permitem-nos levar a análise um passo adiante. Devido aos caracteres da situação de contacto vigente em Florianópolis, qualquer estudo das relações entre as raças deve levar em conta o fato de que o grupo negro e mulato, dado o seu número e dadas as condições em que se encontra, define os seus objetivos em termos de ajustamento integrativo ao grupo branco. É neste sentido que devemos compreender as atitudes diversas de homens e mulheres negros e mulatos. Sob alguns aspectos, essas atitudes são homogêneas. Sob outros, contudo, elas sofrem a influência direta da condição biológica do indivíduo. Por isso, em algumas situações específicas o ajustamento do homem é diverso daquele da mulher. Uma mulata bem clara, que se apresenta como branca, revela um aspecto peculiar das relações raciais vigentes na comunidade quando afirma: "não casamos com um homem apenas por ser branco e sim porque se o ama. E tanto poderíamos amar o branco, o preto ou um mulato. Ama-se o seu caráter, não a pele". O homem, contudo, apesar de considerar importante o problema do inter-casamento, tende a concentrar suas preocupações em torno dos problemas econômicos, particularmente o profissional.

Preocupa-se principalmente com as barreiras que enfrenta, ao pretender ingressar numa carreira ou mudar de profissão.

Há outros aspectos, ainda, que devem preocupar os investigadores das relações raciais. Um deles diz respeito à evolução do preconceito através da idade. Não somente porque ele não é um fenômeno cristalizado, mas também porque os indivíduos se ajustam às situações sociais de acôrdo com a densidade da própria experiência social acumulada. Esta experiência não atua por causa da sua densidade, mas em consequência de sua natureza. E é esta que varia com a idade. O acúmulo de experiência social transforma a natureza do seu conteúdo.

Mas, como age o acêrvo de experiências sociais sobre as atitudes e o comportamento inter-raciais? Naturalmente, em função de um conjunto de fatores, particularmente em consequência do caráter das próprias relações com outros grupos e devido a padrões de comportamento inter-raciais herdados do passado. Assim, temos dois grupos principais de fatores a distinguir: um deles está ligado ao acúmulo de experiência social, principalmente aquela ligada às relações de raças; o outro, depende dos padrões sócio-culturais, herdados do passado. Somente considerando as manifestações do preconceito através dessa perspectiva podemos compreender e explicar algumas diferenças de atitudes entre grupos de idade.

Para levar a efeito uma análise nesse sentido, isolamos três conjuntos de respostas, agrupadas segundo a idade dos informantes. Obtivemos um grupo de 15 (inclusive) a 18 anos de idade, outro de 18 (inclusive) a 21 e um terceiro de 21 (inclusive) a 25 anos, os quais chamaremos A, B e C, respectivamente. Perguntamos se gostariam ou não de ter relações com negros e mulatos nas situações abaixo mencionadas. Responderam "não" os seguintes:

	NEGRO			MULATO		
	A	B	C	A	B	C
Escola.....	17	22	17	13	15	15
Vizinhança.....	33	36	32	27	26	24
Cinema.....	39	31	27	28	21	22
Baile.....	81	78	60	70	65	48
Família.....	93	89	84	91	87	81

Esses dados revelam claramente o grau de rejeição do negro e do mulato nas diversas situações sociais. A pequena flutuação revelada pelos três grupos de brancos em face dos colegas "de côr" na escola e na vizinhança deixa de existir quando os indivíduos se consideram em face dos mesmos no cinema, no baile e na própria família. Nestes três círculos de convivência social, justamente o grupo dos indivíduos mais jovens (grupo A, de 15 a 18 anos) é o mais preconceituoso, tanto no que tange aos negros como no que se refere aos mulatos. E note-se que o grupo dos mais velhos é justamente o que apresenta menor intensidade de rejeição. A que se devem essas diferenças de atitudes?

Uma explicação superficial poderia considerar as discrepâncias das respostas dos três grupos como produto de uma dissimulação progressiva, conforme avança a idade. Assim, os indivíduos mais jovens, do grupo A, seriam mais espontâneos e menos dissimuladores. Sabemos, contudo, que a família é o principal núcleo de socialização do indivíduo, sendo através dela que são transmitidos os padrões de convivência inter-racial. Poderíamos,

pois, explicar as atitudes dos adolescentes de 15 a 18 anos de idade como fortemente influenciados pelos padrões vigentes no meio doméstico. Por outro lado, as atitudes menos preconceituosas dos outros grupos mais velhos pode ser devida ao maior afastamento do indivíduo do núcleo familiar. À medida que o indivíduo se torna adulto, mais êle se integra em outros grupos sociais diversos do doméstico.

A análise desenvolvida até este ponto abordou a situação de contacto racial em Florianópolis sob o ângulo da morfologia social. Examinemos agora o problema sob outros aspectos.

Uma das principais preocupações dos negros e mulatos, particularmente os chefes de família e aqueles que estão ingressando na classe média, diz respeito à luta pela elevação intelectual, como técnica segura de ascensão social e integração em grupos brancos. Para eles, "o elemento de côr" somente poderá ter a sua carreira facilitada, "impondo-se pela cultura". Assim, o preconceito tenderá a "desaparecer com o esforço do preto em mostrar sua capacidade de desenvolvimento cultural nas mesmas proporções que o branco".

Mas não depende apenas dos negros e mulatos a eliminação das barreiras raciais, dizem eles próprios. Existe um fator que prejudica as atitudes dos brancos, acrescentam. É a sua ignorância. Enquanto os indivíduos de côr devem instruir-se para estarem em condições de exercer os papéis que os brancos guardam para si, o branco, por sua vez, terá tanto mais reservas a fazer àqueles quanto mais ignorante fôr. "Os preconceitos de raças vão de baixo para cima, pois quanto mais atrasado o meio, maior é o preconceito", afirma um mulato da classe média, sintetizando a opinião de muitos outros.

Essa atitude dos negros e mulatos coloca-nos diante do seguinte problema: haveria relação entre o grau de

instrução do branco e a intensidade do preconceito? Deixando de lado as discussões já realizadas sobre o assunto por sociólogos e psicólogos sociais ⁽¹¹⁾, vejamos qual é a situação do problema em Florianópolis.

Antes de mais nada, consideremos a escola, que aparece como um dos círculos de convivência social onde é dos menores o índice de rejeição do negro e do mulato ⁽¹²⁾.

Voltemos agora ao nosso problema central e vejamos como se manifestam os mesmos colegiais, mas agora considerados segundo os diversos cursos pelos quais se distribuem. Tomemos inicialmente as respostas das alunas de um estabelecimento oficial de ensino ⁽¹³⁾ e vejamos como respondem à pergunta: "marque com um X os lugares nos quais você "não" gostaria de encontrar preto e mulato". Responderam "não":

	NEGRO		MULATO	
	Colegial	Normal	Colegial	Normal
Escola	28	8	17	3
Vizinhança	33	22	28	11
Cinema	17	27	17	19
Baile	78	73	78	67
Família	94	100	89	97

Como se verifica por esses dados, a flutuação das respostas é grande, não permitindo uma conclusão definitiva por enquanto. Os dados ora refletem maior rejeição por parte das alunas que frequentam o curso colegial, ora daquelas que se encontram no curso normal.

Vejamos, contudo, como se manifestam, em face da mesma pergunta, as alunas de uma escola religiosa (14). Responderam "não":

	NEGRO		MULATO	
	<i>Colegial</i>	<i>Normal</i>	<i>Colegial</i>	<i>Normal</i>
Escola.....	4	14	13	11
Vizinhança.....	22	32	13	26
Cinema.....	30	32	26	23
Baile.....	78	86	78	73
Família.....	96	92	96	91

No, que se refere ao negro, os dados desta tabela indicam maior rejeição do grupo que se encontra fazendo o curso normal, apesar da inversão que se verifica quando é focalizada a família do estudante. A despeito desta discrepância final, pode-se afirmar que as alunas do curso colegial apresentam menor intensidade de rejeição dos negros. Sim, apenas dos negros, já que os mulatos são considerados de forma diversa. Em face destes, elas não apresentam a mesma reação, pois neste caso verifica-se uma flutuação de respostas que não nos permite assegurar que as mesmas alunas estejam reagindo do mesmo modo. Ficamos, portanto, impossibilitados de concluir sobre uma possível interferência do tipo de instrução no preconceito.

Pode-se objetar, entretanto, que a relativa coerência das respostas apresentadas pelas alunas seria devida à circunstância delas estarem frequentando a mesma escola, e provavelmente, pertencerem à mesma camada

social. A convivência no mesmo estabelecimento de ensino e a filiação a camadas sociais semelhantes seriam, portanto, responsáveis pela congruência das respostas de um e outro grupo.

Vejamos, pois, como se manifestam alunas, pertencentes a cursos diversos, mas de escolas também diferentes. Comparemos as respostas dadas à mesma questão. Tomaremos aquelas das alunas do curso colegial do estabelecimento oficial de ensino e as daquelas do curso normal da escola religiosa. Teremos:

	NEGRO		MULATO	
	<i>Colegial (oficial)</i>	<i>Normal (religiosa)</i>	<i>Colegial (oficial)</i>	<i>Normal (religiosa)</i>
Escola.....	28	14	17	11
Vizinhança.....	33	32	28	26
Cinema.....	17	32	17	23
Baile.....	78	86	78	73
Família.....	94	92	89	91

Ainda agora continuamos na mesma situação. A oscilação das respostas não nos permite apanhar um sentido único e bem definido nas suas atitudes. Poderíamos concluir que o tipo de instrução parece não afetar a intensidade do preconceito.

Resta-nos, contudo, uma objeção à discussão apresentada. Não seriam semelhantes os currículos dos cursos colegial e normal? Talvez fosse possível alegar que esses currículos, ainda que diferentes, não conduzem a conhecimentos diversos a respeito da constituição

biológica, capacidades psico-motoras e intelectuais dos grupos raciais. A nosso ver, esta objeção não tem fundamento. Os cursos comparados por nós não são apenas diferentes em seus currículos, como apresentam possibilidades diversas de conhecimento dos grupos raciais. Eles não contêm as mesmas disciplinas.

Entretanto, se quisermos ampliar as nossas informações sobre o fenômeno investigado, podemos encarar as manifestações dos escolares submetidos ao questionário sob outro ângulo. Comparemos as respostas dos indivíduos do sexo masculino, que se encontram no curso colegial, mas pertencentes a estabelecimentos de ensino diversos. Consideremos as manifestações dos alunos da escola oficial já mencionada e daqueles de um outro estabelecimento religioso de ensino⁽¹⁵⁾. Submetidos à mesma pergunta do parágrafo anterior, responderam "não":

	NEGRO		MULATO	
	Religioso	Oficial	Religioso	Oficial
Escola.....	20	12	20	8
Vizinhança.....	36	32	33	16
Cinema.....	39	30	28	18
Baile.....	89	64	70	42
Família.....	82	98	82	90

Encontramos agora discrepâncias que podem ser consideradas significativas. Tanto no que se refere ao negro, como no que diz respeito ao mulato, as respostas refletem um sentido homogêneo nas atitudes dos alunos do curso colegial. É verdade que se verifica uma inver-

são nas manifestações sobre a família. Entretanto, em face dos outros círculos de convivência social, esses indivíduos reagem de modo semelhante. A identidade do curso, pois, não eliminou as diferenças de atitudes. A nosso ver, resta-nos a seguinte alternativa: as diferenças apontadas se devem ou à orientação geral do estabelecimento de ensino, ou às condições sociais diversas das famílias dos alunos de um e outro estabelecimento? Inclina-mo-nos pela segunda explicação, pois tudo indica que os fatores relevantes, no caso, operam no meio social inclusivo, do qual a escola seria uma simples expressão. Pretendemos, aliás, retomar este aspecto do problema mais adiante.

Antes, todavia, vejamos como se apresenta a situação de contacto inter-racial sob outros ângulos de análise.

Os mulatos que conseguiram galgar posições na sociedade local tendem a considerar o preconceito como sendo produto da ignorância. Para eles, quanto mais baixa a camada social a que pertence o branco, mais preconceituoso este. Esta opinião, entretanto, não reflete a realidade. É verdade que alguns indivíduos que sobem "sentem" menos intensamente a discriminação dos brancos. Mas isto provavelmente não decorre da diminuição das barreiras. Deve-se ao aumento da capacidade de ajustamento do mulato às situações sociais em que se encontram também brancos, o que lhe dá a impressão de que o preconceito diminuiu. Aliás, considerando-se o material empírico disponível, quanto mais elevada a classe a que pertence o branco, mais preconceituoso parece ser este. Exatamente o oposto do que afirmam os mulatos e negros que sobem, o que somente pode ser explicado pelo refinamento da sua capacidade de ajustamento a situações novas.

As nossas observações realizadas *in loco*, as declarações dos negros e mulatos, as entrevistas com estes e os brancos, a distribuição percentual dos negros e

mulatos segundo as profissões, e outros dados levam-nos a admitir que as barreiras opostas à integração e ascensão do "elemento de côr" são universais na comunidade, variando, contudo, a sua rigidez conforme as implicações sociais das situações. Apesar de que muitos brancos declarassem que aos negros e mulatos não se impunham restrições à sua admissão em muitos empregos, a totalidade destes afirma que a conquista de um emprego sempre põe em jogo a côr do candidato, seja negro ou mulato. "Quando o ingresso é um favor (isto é, não "feito por concurso") então há o limite da côr". Isto para os mulatos claros que começam a ingressar na classe média, pois a racionalização das atividades burocráticas tem sido uma válvula, que facilita o ingresso do indivíduo de acôrdo com a capacidade profissional, passando para o segundo lugar os seus caracteres somáticos. O concurso, entretanto, somente aumenta as oportunidades do negro ou mulato quando a função que êle vai exercer é considerada "compatível". Caso contrário, isto é, quando o emprego diz respeito a uma atividade que exige o que os brancos chamam de "representação", então o negro ou mulato é eliminado a despeito do concurso.

Quando se trata de ocupações que não apresentam a alternativa do concurso, como no caso das atividades comerciais, tais como a de balconista, a resistência é muito grande. Não há negros ou mulatos trabalhando nos balcões das casas comerciais mais importantes de Florianópolis. "Estão sempre lá atrás, lá pela cozinha, ou trabalhando no pesado". O balcão exige "apresentação", "o que uma pessoa de côr não pode ter", diz-nos um comerciante. E um negro declara: "Trabalho para preto é muito difícil. Principalmente em lojas, escritórios. Êles (os brancos) falam que não tem vaga. Serviço de preto é só ser operário mesmo".

Realmente, do ponto de vista das possibilidades de ascensão profissional, "é difícil a vida para uma pessoa de côr" em Florianópolis. Êles se concentram nas atividades menos qualificadas, econômica e socialmente. A grande maioria da "população de côr" dedica-se a atividades braçais. "É difícil encontrar uma repartição, uma loja com pessoa de côr. Geralmente não se encontra". Encontram-se principalmente na estiva, nos transportes de carga, entre a marinhagem e outras atividades menos remuneradoras. No funcionalismo público começam a ingressar, principalmente através de padrinhos políticos, mas também através de cargos menos qualificados.

O alemão (16), contudo, trata os negros e os mulatos com maior cordialidade. Alguns chegam a confundir êsse tratamento afável com maior intimidade que aquela dispensada pelos brancos de origem lusa. Entretanto, aquêle que possui maior discernimento nota que o indivíduo de descendência alemã trata-o bem, cordialmente, enquanto colega de trabalho, empregado ou subordinado em alguma função. O negro ou o mulato diz que sente que é encarado com maior dignidade que pelos outros brancos, mas percebe, também, que as barreiras implícitas nesse tratamento são bem mais rígidas, ainda que dissimuladas. Saindo das relações no plano profissional, o alemão "não toma conhecimento do homem de côr". Trata-o com gentileza, mas à distância. O tratamento é especial, "no sentido de agradar quando precisam", afirma um mulato da classe média.

As mulheres negras e mulatas se concentram ainda nas atividades domésticas. Um levantamento das profissões dos sócios de um clube de negros e mulatos revela-nos apenas uma mulata classificada como balconista. Observamos, entretanto, oito costureiras e três professoras do ensino primário, além de algumas estudantes. Aí temos um indício seguro de alguns dos canais de ascensão, que procuram habitualmente.

A descrição esquemática da distribuição dos negros e mulatos na estrutura econômica da comunidade levamos a mais uma observação sobre o problema investigado. Pode ser formulada do seguinte modo: o "elemento de côr", em Florianópolis, distribui-se de forma não proporcional aos brancos no conjunto das atividades disponíveis. Consequentemente, o grau de convivência entre brancos, negros e mulatos varia conforme subimos na estrutura sócio-econômica. A quase totalidade dos negros e mulatos encontra-se ainda concentrada na camada baixa da população. Uma pequena parcela começa a penetrar na classe média, particularmente os mulatos. E somente alguns, também mulatos, estão atingindo as profissões liberais.

Podemos, pois, assegurar que o grau de convivência entre os brancos e os negros e mulatos varia conforme a camada social. Ou melhor, que a intensidade dos contactos entre uns e outros diminui à medida que passamos da classe baixa para a elevada. Este fato, contudo, afetaria as atitudes e o comportamento dos brancos? Haveria alguma relação entre o status sócio-econômico do branco e o tipo do preconceito?

Para responder essas questões, procuramos organizar as respostas dos alunos submetidos ao questionário, segundo a profissão do pai. Sabemos que a profissão de um indivíduo não é suficiente para a caracterização de sua posição na estrutura social e econômica. Com reservas, contudo, utilizaremos esses dados para focalizar mais uma face do problema que estamos investigando. Em face dos nossos objetivos neste trabalho, esta abordagem pode ser efetuada, ao menos como uma aproximação diferente das realizadas até aqui. Vejamos, pois, como se manifestaram os alunos, cujos pais foram considerados por nós como pertencentes às três classes principais da sociedade local: baixa, média e alta. Pedi-

mos que marcassem com um "X" os lugares nos quais não gostariam de encontrar negro ou mulato. Responderam negativamente:

	NEGRO			MULATO		
	baixa	média	alta	baixa	média	alta
Escola.....	14	21	19	10	16	15
Vizinhança.....	28	33	37	19	26	30
Cinema.....	26	36	31	21	26	22
Baile.....	66	74	83	55	63	70
Família.....	86	91	89	80	90	88

O que afirmamos em parágrafo anterior é evidente nestes algarismos. Contrariamente ao que afirmam os negros e mulatos o preconceito é menos intenso na classe baixa da população. As observações que pudemos fazer nos diversos círculos de convivência social, as entrevistas realizadas com indivíduos pertencentes às três classes mencionadas e as manifestações reveladas pelos questionários são congruentes neste ponto. Todavia, resta-nos uma observação a fazer. Apesar de não serem muito diferentes, as frequências relativas que se encontram na tabela supra revelam maior intensidade de rejeição por parte das pessoas pertencentes à classe média do que por aqueles pertencentes à alta. A nosso ver, isto se deve ao fato de que, enquanto os brancos e negros da classe baixa convivem em múltiplas situações sociais desde o passado, o que explicaria padrões de comportamento rotinizados, os brancos da classe média não desfrutaram da mesma perspectiva de avaliação criada pela referida situação de contacto. Conforme já foi apontado por nós em parágrafo anterior, as posições

sociais e econômicas da classe média somente no presente estão sendo alcançadas pelo esforço ascensional da população "de côr". É o que revelam os dados da tabela anterior. Além da interferência do preconceito, as diferenças de atitudes nas diversas classes sociais explicam-se pela sua conjugação com atitudes associadas ao preconceito de classe em formação. Em parte, aquelas discrepâncias de atitudes podem ser devidas a diferentes condições de existência social. Entretanto, o preconceito racial não se confunde com o de classe. Se se confundisse, não teríamos as atitudes e comportamentos discriminatórios entre indivíduos pertencentes à mesma classe. Dizemos isto porque na comunidade estudada a grande maioria dos negros e mulatos se encontra na classe baixa, o que significa que se acha nas mesmas condições de existência social de outros brancos. Entretanto, como já mostramos, o preconceito é encontrado também aí.

Se nos aproximarmos um pouco mais do fenômeno que estamos investigando, todavia, veremos mais claro.

As expectativas de comportamento do branco orientam-se no sentido de que o negro e o mulato devem colaborar para a harmonia das relações raciais. Esta harmonia, aliás, depende daqueles e não do branco, afirmam estes. O branco admite, formalmente, a presença dos negros e mulatos em certos círculos de convivência. Alguns chegam a agir no sentido de que eles participem do grupo. Mas, por outro lado, esperam que eles próprios evitem isso, a fim de que situações desagradáveis não ocorram. É o que se verifica nos clubes recreativos dos brancos, particularmente nos seus bailes. Explica-se assim o elevado coeficiente de rejeição revelado pelo questionário submetido aos alunos do ensino secundário. Conforme veremos na tabela IX, no Apêndice, entre os diversos círculos de convivência social mencionados, apenas em face da família a rejeição do negro e do mulato pelo branco é maior que no baile.

A situação é diversa no que se refere às sociedades recreativas dos negros e mulatos. Antes, contudo, de apresentarmos a situação de contacto nesse setor, do ponto de vista do indivíduo de côr, vejamos alguns aspectos de sua situação no passado recente.

Antes mesmo do término da escravidão os negros e mulatos libertos tinham as suas "sociedades dançantes" e beneficentes. Com a abolição elas se reorganizaram. Algumas foram extintas e outras foram criadas. Através dos depoimentos de negros velhos pode-se reconstruir uma série ininterrupta de clubes de negros e mulatos, a partir do término do regime escravagista. Quando examinamos a composição racial desses clubes, evidencia-se a seguinte peculiaridade: houve clubes de negros e mulatos, mas também apenas de negros ou somente de mulatos. Não encontramos referência a clube misto de mulatos, negros e brancos que tivesse existido no passado. Menciona-se o caso de um, localizado num "morro", o "Aimoré Recreativo Esporte Clube", que tinha membros brancos, mulatos e negros. Mas não teve vida longa. Em poucos meses verificou-se uma cisão entre seus sócios. Ela decorre de um conjunto de fatores, entre os quais destacaremos alguns ligados aos bailes, que se realizavam periodicamente. Um deles diz respeito à constante negativa de moças brancas de dançarem com negros ou mulatos. Este fato se repetia em bailes sucessivos. Em consequência, os diretores (brancos) do clube resolveram estabelecer dias distintos para os bailes em que os negros e mulatos deveriam dançar. Estas medidas foram consideradas por eles como discriminatórias, o que os levou a se retirarem daquele clube e fundarem outro, exclusivo de negros e mulatos. Estes eventos, que se verificaram em 1933, estão ainda presentes na memória da população do morro, onde, ainda em 1955, encontramos dois clubes funcionando, um de

brancos e outro de indivíduos de côr, respectivamente "Concórdia" e "25 de Dezembro". São os sucessores do primitivo clube misto.

Êsse clube de negros e mulatos, aliás, é um dos melhor organizados da comunidade, entre aquêles de "elementos de côr". Mantém as mesmas normas rígidas estabelecidas na década de 30, quando foi fundado. Não aceita brancos como sócios; apenas visitantes, que são autorizados a fazer gastos no bar, mas não a dançar. Sòmente a branca casada com negro ou mulato pode dançar livremente. Um branco, casado com mulher "de côr", não pode, já que lhe é vedado tornar-se sócio. Outra situação em que o branco pode dançar é aquela ligada a uma festividade especial, promovida por um ou outro sócio, quando é êste o responsável pelo baile, tendo seus próprios convidados, brancos ou negros e mulatos.

No passado, entretanto, a discriminação nas sociedades recreativas era maior. Citam-se casos de clubes de negros que não aceitavam mulatos, em represália àqueles que eram exclusivos de mulatos, como o "Grêmio da Mocidade", que funcionou em tôrno de 1910-17. Houve até exclusivos de mulatos claros, como o "24 de Maio", que funcionou no princípio do século.

Como vemos, a discriminação racial penetrou até mesmo o grupo "de côr". Também êles foram envolvidos nesse processo social iniciado no passado. Contudo, nas sociedades recreativas existentes na atualidade já não se verificam distinções entre negros e mulatos. Geralmente participam igualmente de tôdas as atividades dos clubes, inclusive dos postos de diretoria.

No presente, entretanto, mantêm-se separadas as sociedades recreativas dos brancos e dos negros e mulatos. São raros os clubes que têm freqüência mista, no quadro de sócios ou nos bailes. Geralmente, os bailes onde se encontram uns e outros são bailes pagos, o que

possibilita o ingresso indiscriminado. Tais clubes, aliás, o são apenas nominal e legalmente. De fato, são empresas que comercializam a dança. Contudo, os bailes de sociedades recreativas organizadas sòmente são frequentados por seus sócios, brancos ou negros e mulatos. Não conhecemos uma sociedade em que houvessem sócios dos dois grupos nas mesmas proporções. Alguns clubes têm uns poucos sócios mulatos claros.

É ilustrativo o exame das expectativas de comportamento de um jovem branco da classe média ou alta em face de bailes de negros e mulatos e dos próprios brancos. Quando os bailes são pagos, entram em jôgo padrões de comportamento diversos daqueles que atuam nos não pagos, isto é, naqueles do próprio grupo branco. Um baile pago é aquêle onde êle vai para divertir-se, desfrutar situações favoráveis, particularmente aquelas ligadas à vida sexual. Geralmente um branco da classe média que vai a um baile de negros e mulatos pretende encontrar facilidades para encontros amorosos. Neste caso, não se preocupa se a parceira é branca, negra ou mulata. Prefere, contudo, a mulata. Êsse mesmo jovem branco, que frequenta um clube de negros e mulatos com êsses objetivos, comporta-se de modo diverso, quando se encontra em bailes do seu próprio clube. Enquanto que naquele caso as suas expectativas orientavam-se num sentido, quando frequenta o clube do seu grupo manifesta-se segundo outros valores. Neste caso considera que está frequentando uma "reunião social", onde levaria sua noiva, a irmã, a esposa ou a mãe. Agora leva em conta outros *mores*.

A análise da situação de contacto no baile leva-nos a uma reflexão que nos parece esclarecedora de alguns dos seus aspectos. De tôdas as situações analisadas, o baile apresenta-se como o foco de maior resistência à entrada do negro e do mulato. No caso da comunidade

que estamos estudando, o fenômeno ocorre tanto nas camadas elevadas da população como nas médias e baixas. Mas, por que?

Numa sociedade tradicionalista, o baile pode ser um prolongamento de círculos sociais exclusivos. Liga-se tangencialmente à família e ao prestígio social das camadas a que serve. Daí as razões de ordem social mais profundas, através das quais atitudes e emoções são reguladas e dirigidas socialmente. As condições de aceitação em um clube, como sócio, estão ligadas principalmente ao status sócio-econômico do indivíduo. Por isso as barreiras são rígidas nesse círculo de convivência social.

Mas, o que explicaria as relações dos padrões de comportamento, no plano dos atributos morais fundamentais da comunidade, e a rejeição do negro ou mulato? Antes de respondermos esta pergunta, vejamos como se manifesta uma das formas de segregação no baile.

Os dados disponíveis mostram que a mulher branca rejeita sistematicamente o negro ou mulato ao ser convidada para dançar. Vejamos por que se verifica isso. Uma explicação superficial diria que a mulher branca não tem simpatia por eles. É o que afirmam geralmente, tanto elas como eles. Mas, estamos aqui na superfície do fenômeno. O que realmente ocorre é o seguinte: quando a branca é convidada por um negro para dançar, sente-se logo em evidência, tanto aos olhos das mulheres como dos homens brancos presentes. Nesse momento entram em jogo atitudes e padrões que a desprestigiam no consenso do grupo, porque teria de dançar com indivíduo cujos atributos são considerados negativos. Enquanto que um negro ou mulato se sentiria elevado, como membro do grupo negro, ao dançar com uma branca, esta, por seu lado, sentir-se-ia diminuída no consenso dos brancos.

Há ainda um outro aspecto do fenômeno que pode ser ressaltado. Trata-se de uma nuance da explicação dada acima. Para os indivíduos brancos do sexo masculino, quando uma branca dança com um negro torna-se, automaticamente, uma candidata à miscigenação. Transforma-se em objeto da cobiça de um "negro", o que a desvaloriza em face das expectativas de seu próprio grupo. Este aspecto do problema, entretanto, será analisado adiante, dada a sua importância para a compreensão do preconceito no interior da família.

➤ Analisar o ideal de branqueamento é focalizar um dos padrões fundamentais envolvidos na constituição das famílias de negros e mulatos. "Branquear" é uma aspiração "universal". Negros, mulatos escuros e mulatos claros — todos querem branquear. Por isso constata-se ali um fato significativo para o entendimento dessa questão: são raros os "casais de côr" cujos cônjuges apresentam a mesma tonalidade de côr da pele. Esta é sempre diversa porque homens e mulheres desejam clarear. O simples casamento com um indivíduo mais claro já satisfaz o mais escuro. Este se sente como se tivesse branqueado um pouco, apenas casando-se com o mais claro. Outra peculiaridade deste fenômeno é o branqueamento efetivo através da prole. Ter descendentes mais claros é motivo de orgulho. O indivíduo passa a ser mais considerado no próprio grupo. Casá-los com outros ainda mais brancos, ou menos negros, é o maior objetivo dos pais. Parece-lhes que, assim, se realiza sua integração no grupo branco.

Por outro lado, os padrões de comportamento inter-racial do branco se orientam no sentido oposto. O seu ideal é a não "contaminação". Quando um branco se encontra diante da alternativa de casar-se ou não com um negro ou mulato, o que conta fundamentalmente é a côr. Este é o critério decisivo no seu julgamento.

Aliás, no seio da família a situação de contacto é definida em termos positivos. O branco espera que o negro ou mulato não se torne íntimo de sua família. Mantém com êle relações amistosas (e o negro deve compreender que são apenas relações amistosas), que às vezes são de amizade, com alguma carga afetiva. Trata-se de um recurso destinado a elidir a existência de barreiras, e a não desprestigiar frontalmente os padrões igualitaristas da comunidade. É uma forma de realizar os sentimentos afetivos sem afetar profundamente as atitudes convencionais. Efetivamente, o branco mantém com aqueles relações de amizade, mas formalmente, com uma inclinação paternalista, o que tolhe as ações e a espontaneidade deles. Com estes padrões de etiqueta social, o branco elimina os negros e mulatos do seu círculo de convivência social mais íntimo: a família. É assim que êle consegue dissimular as barreiras rígidas, impostas àqueles.

Para compreendermos melhor o elevado índice de rejeição no seio da família, vejamos como se manifestam os indivíduos, que responderam ao questionário, no que diz respeito ao casamento. Perguntamos se aprovariam ou não o casamento do amigo ou amiga, irmão, irmã e do próprio informante com negro e mulato. Responderam do seguinte modo:

	NEGRO	MULATO
Não gostariam que o(a) amigo(a) casasse com.....	35	29
Não gostariam que o irmão casasse com.....	74	70
Não gostariam que a irmã casasse com.....	76	72
Ego não gostaria de casar-se com.....	89	87

Nota-se claramente a progressiva rejeição, tanto do negro como do mulato, à medida que as manifestações se aproximam do mundo social do próprio informante. Contudo, a discriminação na família seria da mesma intensidade em todas as classes sociais? Vejamos como se manifestam os estudantes classificados através das profissões dos pais.

	NEGRO			MULATO		
	baixa	média	alta	baixa	média	alta
Não gostariam que o(a) amigo(a) casasse com.....	30	39	34	25	33	29
Não gostariam que o irmão casasse com.....	63	76	80	60	71	76
Não gostariam que a irmã casasse com.....	64	78	82	61	73	77
Ego não gostaria de casar com.....	86	91	89	80	90	88

Como vemos, ainda neste ponto as diferenças entre as atitudes das três classes são marcantes. A nosso ver, elas se explicam pelas mesmas razões já apontadas em parágrafo anterior, tanto no que se refere à classe baixa, como à alta e à média.

Existem duas ordens de fatores sociais que podem explicar as atitudes de "defesa" da família em face das possibilidades de contactos ou de miscigenação. São dois planos diversos da mesma instituição que podem ser apanhados através dessa explicação. Por um lado, temos a família como uma instituição cujos padrões de comportamento foram elaborados no passado colonial e escravocrata e que continua, no presente, exercendo o peneiramento dos negros e brancos que pretendam ascender por seu intermédio. Neste sentido, o papel

que ela exercia no passado, no que diz respeito às relações do branco com o negro e o mulato, continua vigente na atualidade, o que significa que ela continua relativamente impenetrável ao "indivíduo de côr". No passado escravocrata ela era um fator de preservação da ordem social e econômica, já que era um núcleo de atribuição de status. Mantinha-se, por isso, fechada às tentativas de penetração dos negros e mulatos, que pertenciam a outra casta (17).

Por outro lado, uma ordem diversa de fatores deve ser levada em conta. Sabemos que, na sociedade brasileira, a mulher é considerada, em determinadas condições, um dos seus mais importantes elementos: Sob certos aspectos, ela é encarada como o mais importante. No plano dos indivíduos como valores da comunidade, a mulher é superestimada, tomando, mesmo, a significação de um símbolo. Um dos motivos por que é considerada de tal modo é o fato de ser reconhecida como a fonte de perpetuação do grupo. Estamos, por conseguinte, diante do outro fator que explicaria o elevado índice de rejeição do negro e do mulato na família. O grupo branco não aceita a idéia da mestiçagem com o negro através da mulher branca. Aceita-a quando a mulher é "de côr", mas extra-conjugalmente. Aprovar aquela alternativa seria colocar um dos mais "puros" membros do grupo, um tabu, em contacto com indivíduos não considerados do mesmo nível social e econômico, nem com os mesmos atributos morais (18).

Não seria difícil encontrarmos pontos de contacto entre as duas explicações dadas acima. É certo que para o grupo branco, assim como para toda comunidade, a mulher é um dos valores fundamentais da família. Contudo, quando ela é considerada em face do negro ou mulato, entram em jogo não somente as atitudes que visam preservá-la como um valor, mas também aquelas que se destinam a afastar o "indivíduo

de côr" de uma instituição fundamental e altamente valorizada do grupo, instituição esta que ainda é um dos principais focos de atribuição de status.

O que ficou dito até agora permite-nos fazer uma distinção nítida entre o comportamento inter-racial no plano dos grupos primários, onde as relações simpáticas e afetivas predominam, daquele dos grupos secundários, onde as relações são formais, de caráter categórico. Enquanto no primeiro caso o preconceito se manifesta aberta ou veladamente, mas através de um comportamento efetivo, no segundo caso o preconceito é dissimulado por um padrão de etiqueta, que elimina a necessidade de declará-lo ou de manifestá-lo. Do ponto de vista do branco, elide-se o problema. Mas o indivíduo de côr sente a dissimulação.

O leitor deve ter notado que durante todo o desenvolver desta exposição mencionamos sempre *negro* e *mulato*, procurando distinguir um do outro em múltiplas situações. Não o fizemos senão com um objetivo: apresentar mais um aspecto do fenômeno que está sendo discutido. O material empírico disponível nos levou a essa distinção.

Não é somente o branco que distingue o mulato do negro em muitas situações sociais. Os próprios "indivíduos de côr" distinguem-se no mesmo sentido. Vejamos como isso ocorre. Já mostramos que a estrutura econômica e social da comunidade no presente apresenta maiores possibilidades de mobilidade horizontal e vertical. Assim, são relativamente comuns as ocasiões em que o branco abre oportunidades de integração ou ascensão a eles. Entretanto, são mais comuns as exceções feitas aos mulatos claros. É o que se verifica nos escritórios, em grupos de amizade, em grupos de trabalho e até mesmo nos bailes. Não se comporta do mesmo modo em face do negro o branco que trata o mulato dessa maneira. Por outro lado, atua no mesmo sentido de

diferenciar uns e outros elementos de côr a "emulação" encontrada no interior do grupo. Essa competição é produto da polarização exercida pelos valores "brancos". Apenas o mito da branquidade seria suficiente para criar entre eles próprios alguma discriminação, o que redundaria conseqüentemente, em avaliações recíprocas positivas e negativas, como se verifica na ideologia racial do branco.

Todavia, o branco é o autor da distinção apontada. É ele que a usa, e segundo seus fins. Além de outros fatores, que poderiam explicar a emergência dessa dicotomia, julgamos especialmente um deles importante para sua efetivação. Trata-se da necessidade que o grupo branco tem de manter alguns padrões de comportamento inter-racial que estão plenamente incorporados à sociedade brasileira. O principal deles é o mito da democracia racial. É em seu benefício que o peneiramento dos mais claros é menos rigoroso. Este mito permite ao branco justificar a integração dos elementos considerados "apresentáveis" — justamente os mais claros.

Esta situação, contudo, não afeta alguns padrões de etiqueta encontrados no presente e herdados do passado. Os negros e mulatos ainda se comportam diversamente nas relações com os brancos de nível social mais elevado. Geralmente o negro é respeitoso e reservado, não revelando expansões. O mulato, entretanto, manifesta-se de outra maneira. Habitualmente é atencioso e afável. Esse padrão, todavia, não se altera grandemente quando surpreendemos os negros e mulatos em interação com brancos do mesmo nível social. Mantém-se a mesma reserva do negro e a afabilidade do mulato. Não se trata, pois, de um padrão de etiqueta ligado às camadas sociais. Isto não significa, contudo, que não o tenham sido no passado, quando as relações escravo-senhor apresentavam-se em termos assimétricos.

Alguns aspectos da situação de contacto encontrada em Florianópolis permitem falar em indícios de segregação⁽¹⁹⁾. As barreiras opostas aos negros e mulatos em determinadas situações são instrumentos de segregação. Entretanto, raramente ela é aberta, ostensiva. Como toda manifestação preconceituosa, a segregação é velada na sociedade local. É o que se verificava numa escola religiosa, no passado, e que se manifesta ainda no presente, através de técnicas mais elaboradas. Há hotéis que não aceitam hóspedes negros, a não ser que se apresentem "condignamente". Um deles exhibe um menor negro, uniformizado, nas suas dependências. A direção considera-o uma mascote. Diversos informantes mencionam o caso de um clube, que não permitiu que esportistas negros, vindos de uma cidade do nordeste brasileiro, tomassem refeição em seu restaurante. Este fato era sempre rememorado, quando as entrevistas tocavam no problema das barreiras, que os clubes habitualmente opõem aos negros e mulatos.

A segregação espacial, descrita no princípio deste capítulo, pode ser explicada em termos das condições econômicas das populações negras da comunidade. Conforme dissemos, se a atual distribuição das populações negras pode ser considerada como decorrente da evolução de suas condições econômicas, ela não permanece adstrita a esse significado. Ela é encarada, tanto por uns como por outros, como uma das manifestações de preconceito racial, o que, por si, transforma o significado social da presente distribuição da população local pelo espaço urbano.

A situação de contacto racial apresentada neste capítulo leva-nos ainda a algumas reflexões. Apresentamos diversas situações típicas de interação entre negros, mulatos e brancos. Tomamos alguns grupos sociais fundamentais, tanto primários como secundários, e descrevemos alguns tipos de relações raciais que nêles se

verificam. Em face dessas relações, uma constatação de interesse se impõe. Diz respeito à oposição que marca as relações entre os negros e mulatos e os brancos. Se não em tôdas as situações apresentadas, em algumas delas o problema se coloca sempre em termos claros: de um lado, os negros e mulatos encontram barreiras ao tentar ingressar nos grupos dos brancos; por outro lado, estes também deparam com barreiras ao procurar penetrar nos grupos dos negros e mulatos.

É o que se verifica em muitas situações sociais: em hotéis, nos clubes, em alguns locais de trabalho e na família. Por isso, podemos assegurar que em determinados setores da sociedade local as relações raciais refletem uma verdadeira dicotomia. A dualidade manifesta na côr da pele tornou-se o símbolo de padrões morais diversos, capacidade intelectual diferente, etc., conforme veremos a seguir. Ela se transforma, pois, em uma dicotomia social. É o que se manifesta claramente nas ideologias, tanto do branco como dos negros e mulatos. Na do branco, essa dualidade se apresenta plenamente. Na ideologia racial do negro e mulato, quando não é também revelada, essa dicotomia se apresenta subjacente.

CAPÍTULO IV

A Ideologia Racial do Branco

O questionário aplicado aos alunos das escolas secundárias da comunidade sômente foi elaborado depois de uma sondagem inicial realizada *in loco*. Para melhor compreensão da importância dos dados que vamos analisar a seguir, lembramos que aquela sondagem nos forneceu também verbalizações de estereótipos, as quais serviram de pista para a investigação dêles entre os estudantes. Depois de considerações estratégicas a respeito da forma mais adequada a êsse levantamento, resolvemos incluir no referido questionário duas perguntas abertas, redigidas nos seguintes termos: "Dê as principais qualidades do preto, do mulato e do branco" e "Dê os principais defeitos do preto, do mulato e do branco". Para as respostas referentes a cada grupo racial, deixamos em branco seis linhas (três para cada questão), a fim de que o informante enumerasse um, dois ou três atributos favoráveis e desfavoráveis. Incluímos o branco para assegurar maior objetividade e espontaneidade nas respostas. Não nos restringindo aos negros e mulatos, presumivelmente evitaríamos uma fonte de perturbações. Além disso, estávamos fornecendo um elemento comparativo, o que poderia facilitar a indicação de avaliações que tomassem como referência as situações concretas de ajustamento inter-racial.

Posteriormente fizemos um cotejamento dos estereótipos obtidos através da sondagem inicial e através do questionário. Constatamos que estávamos seguindo o caminho certo. Obtivemos resultados positivos, que